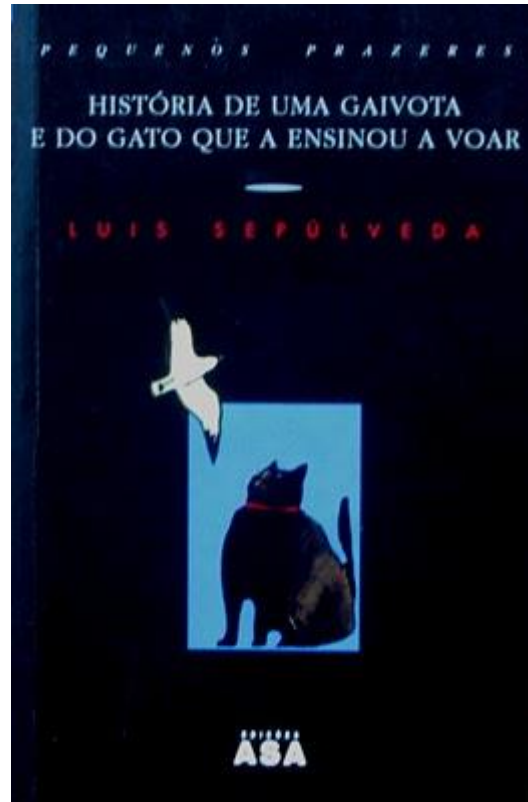


HISTÓRIA DE UMA GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR

de

Luís Sepúlveda



VERSÃO LEITURA FÁCIL

Letra aumentada

Adaptação de:

ANA LUÍSA FERNANDES

GRAÇA BARÃO

PLIP – Projeto Leitura Inclusiva Partilhada

(<http://plip.ipleiria.pt>)

Biblioteca Municipal da Batalha

(biblioteca.cm-batalha.pt)

Junho 2011

plip
projeto
leitura
inclusiva
partilhada

LUIS SEPÚLVEDA

**HISTÓRIA DE UMA GAIVOTA E DO GATO QUE A
ENSINOU A VOAR**

Ilustrações de Sabine Wilharm

Tradução de Pedro Tamen

DITOSA

Porto Editora

História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a
Voar

Luís Sepúlveda

Publicado em Portugal por Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Lisboa

E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original: Historia de una Gaviota y del Gato que
le Enseño a Volar

© 1996, Luis Sepúlveda

by arrangement with Literarische Agentur Mertin Inh.
Nicole Witt e K., Frankfurt am Main, Germany

Ilustrações: Sabine Wilharm

© 1997, Fischer Taschenbuch Verlag GmbH, Frankfurt
am Main

1ª edição: Fevereiro de 2010

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode
ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte,
por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia,
gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da
Editora.

PORTO EDITORA

www.portoeditora.pt

Rua da Restauração, 365 4099-023 PORTO.

PORTUGAL

Telefone [351] 22 608 83 00 Fax [351] 22 608 83 01

DEP. LEGAL 303670/09

ISBN 978-972-0-04092-3

Este Livro foi produzido na unidade Industrial do Bloco Gráfico, Lda., cujo Sistema de Gestão Ambiental está certificado pela APCER, com o nº 2006/AMB.258

Produção de livros escolares e não escolares e outros materiais impressos.

Índice

Primeira parte

1. Mar do Norte ...	9
2. Um gato grande, preto e gordo	13
3. Porto de Hamburgo	17
4. O fim da viagem	21
5. À procura de ajuda	27
6. O bazar do Harry	33
7. Um gato que sabe tudo	35
8. O gato Zorbas começa a cumprir o prometido	39
9. Uma noite triste	43

Segunda parte

1. Um gato no choco	45
2. Não é fácil ser mamã	49
3. Há perigo	53
4. O perigo das ratazanas	55
5. Menino ou menina?	59
6. Chamaram-lhe Ditosa	61
7. Aprender a voar	65
8. Os gatos decidem falar	67
9. Falar com o poeta	69
10. Uma gata, um gato e um poeta	71
11. Voar	75

Aos meus filhos Sebastian, Max e Leon, os melhores tripulantes dos meus sonhos; ao porto de Hamburgo, porque foi aí que embarcaram; e ao gato Zorbas, evidentemente.

Primeira parte

1

Mar do Norte

- Cardume do lado esquerdo! -gritou a gaivota que vigiava, e o bando de gaivotas ficou feliz.

As gaivotas voavam há seis horas sem parar. A viagem sobre o oceano correu bem, mas precisavam comer e elasadoravam arenques.

Voavam sobre a foz do rio Elba, no mar do Norte. Lá do alto viam os barcos saírem para o mar e dali para o mundo.

A gaivota Kengah tinha penas cor de prata e gostava muito de ver as bandeiras dos barcos.

Na costa, a paisagem estava muito verde. Parecia um enorme prado. Viam-se as ovelhas a pastar junto dos moinhos de vento.

As gaivotas viram um cardume de arenques e logo cento e vinte gaivotas mergulharam na água. Cada uma trouxe um arenque no bico.

Era mesmo do que precisavam para terem forças para continuarem a voar até à Biscaia.

Lá seriam umas mil gaivotas na reunião.

Quando todas as gaivotas chegassem à Biscaia, poderia começar a grande reunião das gaivotas dos mares Báltico, do Norte e Atlântico.

Que belo encontro! pensou a gaivota Kengah e comeu o seu terceiro arenque mergulhada no mar.

A gaivota Kengah e as outras gaivotas comiam sardinhas e lulas, os machos tratavam dos ninhos. Os ovos eram postos nos ninhos. Depois de chocados os ovos, nascem as gaivotinhas e logo aprendem a voar nos céus da Biscaia.

A gaivota Kengah mergulhou a cabeça para agarrar o quarto arenque e por isso não ouviu o grito das outras gaivotas:

- Perigo à direita! Fugam! Levantem voo.

Quando a gaivota Kengah tirou a cabeça da água, estava sozinha no meio do oceano.

2

Um gato grande, preto e gordo

-Tenho muita pena de te deixar sozinho – disse o garoto, fazendo carícias a Zorbas, o gato grande, preto e gordo.

Arrumou as coisas na mochila. Não sabia o que levar para férias e o que deixar em casa.

O gato grande, preto e gordo olhava para ele com atenção, sentado na janela, o seu lugar favorito.

- Zorbas, viste os meus óculos de nadar? Não. Não os conheces porque não gostas da água. Não sabes o que perdes. Nadar é um dos desportos mais divertidos. Queres umas bolachinhas? – E o garoto pegou na caixa de bolachas para gatos.

Deu-lhe muitas bolachinhas. Zorbas, o gato grande, preto e gordo comeu-as muito contente. Que bolachas deliciosas, estaladiças e a saber a peixe!

«Este meu dono é bom rapaz», pensou o gato de boca cheia.

O dono de Zorbas, o gato grande, preto e gordo, gastava o dinheiro naquelas bolachas e tinha sempre limpo o caixote de areia onde Zorbas, o gato, fazia cocó.

Passavam muitas horas juntos na varanda, a olhar para o porto de Hamburgo. Às vezes, o garoto dizia:

- Estás a ver aquele barco, Zorbas? Vem de muito longe, da Libéria, um país africano. Quando for grande quero ser comandante de um grande barco e quero ir a África. E tu vens comigo, Zorbas. Serás um bom gato de mar. Tenho a certeza.

Todos os rapazes do porto sonhavam com viagens a países distantes. O gato grande preto e gordo ouvia o dono, ronronava e também sonhava com viagens pelo mar.

O gato grande, preto e gordo gostava muito do garoto. O garoto salvou-o de ser comido por um pelicano quando era pequenino.

Assim começou aquela amizade que já durava há cinco anos.

O garoto deu-lhe um beijo e pegou na mochila. Perto da porta disse-lhe:

- Pensarei em ti todos os dias, Zorbas. Prometo.
- Adeus, Zorbas! Adeus, gordalhufo!

O gato grande, preto e gordo correu para uma janela para ver o garoto sair de férias.

O gato grande, preto e gordo ficou contente. Agora era ele quem mandava. Um amigo da família ia levar-lhe uma lata de comida e limpar-lhe o caixote de areia. Agora, podia ir até à varanda, trepar ao telhado, saltar da árvore e descer até ao pátio todos os dias para se encontrar com os outros gatos do bairro.

3

Porto de Hamburgo

Kengah estendeu as asas para levantar voo. A onda preta de petróleo foi mais rápida e cobriu-a toda.

Kengah, a gaivota de penas cor de prata, não conseguia voar. Tinha as asas coladas ao corpo. Começou a mexer as patas para sair do meio da maré negra.

Com dores nos músculos conseguiu sair da mancha de petróleo e nadar para onde a água estava limpa.

De asas coladas ao corpo, as gaivotas morriam lentamente, sufocadas pelo petróleo que não as deixava respirar.

Passaram muitas horas e a gaivota Kengah tinha fome.

Sacudiu-se toda e percebeu que o petróleo não lhe tinha colado as asas ao corpo. Tinha as penas pretas, mas conseguia abrir as asas.

- Talvez eu consiga sair daqui e voar alto, muito alto - pensou a gaivota Kengah.

A gaivota Kengah bateu as asas com muita força, mas as penas da cauda estavam cheias de petróleo e não a deixavam voar.

Com o bico arrancou algumas penas da cauda que tinham muito petróleo e, cheia de dores, conseguiu voar.

Era uma gaivota jovem e os músculos estavam em boa forma.

A gaivota Kengah afastou-se da costa, mas sentiu que as forças lhe faltavam. Procurou um lugar para descer.

- São Miguel! – disse ela ao reconhecer a torre da igreja de Hamburgo.

4

O fim da viagem

O gato grande, preto e gordo estava a apanhar sol na varanda. Ronronava e pensava como se estava bem ali. O sol aquecia-lhe a barriga, as quatro patas estavam encolhidas e o rabo estendido.

Ouviu um barulho que não foi capaz de identificar e que ficava cada vez mais alto. Deu um salto, pôs-se de pé nas quatro patas e viu cair uma gaivota na varanda.

Era uma gaivota muito suja, toda coberta de petróleo.

O gato Zorbas aproximou-se e a gaivota tentou pôr-se de pé.

- Não foi uma aterragem muito elegante – miou o gato Zorbas.

- Desculpa. Não consigo fazer melhor - disse a gaivota.

- Olha lá, tens um aspecto muito mau. Cheiras mal. – miou o gato Zorbas.

- Fui apanhada por uma maré negra. Vou morrer - disse a gaivota.

- Morrer? Não digas isso. Estás cansada e suja. Só isso. Porque é que não voas até ao jardim zoológico? Não é longe daqui e lá há veterinários que te podem ajudar - miou Zorbas.

- Não posso. Foi o meu voo final - disse a gaivota e fechou os olhos.

- Não morras! Descansa um pouco. Tens fome?
Trago-te um pouco da minha comida, mas não morras -
pediu Zorbas à gaivota.

O gato lambeu-lhe a cabeça. O petróleo sabia muito mal. A ave estava cada vez mais fraca.

- Olha, amiga, quero ajudar-te mas não sei como.
Procura descansar enquanto eu vou buscar ajuda –
miou o gato Zorbas.

Perto da árvore ouviu a gaivota a chamá-lo.

- Queres que te deixe um pouco da minha comida?
- disse ele.

- Vou pôr um ovo. Com as últimas forças que me restam vou pôr um ovo. Amigo gato, és um animal bom. Vou pedir-te que me faças três promessas. Fazes?
– disse ela.

O gato Zorbas pensou que a gaivota estava muito doente e era melhor ajudá-la.

- Prometo-te o que quiseres. Mas agora descansa - miou o gato.

- Não tenho tempo para descansar. Promete-me que não me comes o ovo - pediu ela abrindo os olhos.

- Prometo que não como o ovo - repetiu Zorbas.

- Promete que cuidas dele até nascer a gaivotinha.

- Prometo que cuido do ovo até nascer a gaivotinha.

- E promete que a ensinas a voar - disse ela.

O gato Zorbas achou que a gaivota estava louca.

- Sim, ensino-a a voar. Agora descansa. Vou buscar ajuda - miou o gato Zorbas e saltou para o telhado.

A gaivota Kengah olhou para o céu. Deu um grande suspiro e pôs um pequeno ovo branco com pintinhas azuis. Como estava debaixodo corpo estava todo sujo de petróleo. Depois deste esforço a gaivota morreu.

5

À procura de ajuda

O gato Zorbas desceu da árvore, atravessou o pátio à pressa para não ser visto pelos cães. Saiu para a rua e correu para o restaurante italiano do porto.

Dois gatos que procuravam comida num contentor de lixo viram-no passar.

- Compadre! Está a ver o que eu estou a ver? Ai que gordinho tão lindo - miou um gato.

- Pois é, compadre. E tão preto. Parece uma bolinha de alcatrão. Aonde vais?- perguntou um gato.

O gato Zorbas não gostava daqueles malvados. Deixou de correr e saltou para o contentor do lixo.

Estendeu uma pata da frente, esticou uma garra muito comprida e aproximou-a da cara de um dos gatos.

- Gostas? Olha que tenho mais nove. - miou devagar.

O gato malvado assustou-se e disse:

- Não, chefe! Está um lindo dia, não acha?

- E tu? - perguntou o gato Zorbas ao outro gato.

- Eu também digo que está um lindo dia, bom para passear, mas um bocadinho frio.

O gato Zorbas continuou até chegar à porta do restaurante. Os empregados estavam a pôr as mesas para o almoço. O gato Zorbas miou três vezes e esperou sentado na entrada. Depois apareceu um gato muito magro, com dois pêlos no bigode, chamava-se Secretário.

- Temos muita pena, o restaurante está cheio.

Mas preciso de ajuda.

- Espera. Vou ver o que posso fazer - miou o gato Secretário e foi à procura do gato Colonello.

Colonello era um gato mais velho que sabia dar conselhos aos gatos com problemas.

O gato Secretário regressou a correr.

- Vem atrás de mim. O gato Colonello vai falar contigo – miou o gato Secretário.

O gato Zorbas seguiu-o. Passaram por debaixo das mesas e das cadeiras da sala de jantar e foram até à porta da adega. Desceram aos saltos os degraus da escada e foram encontrar o gato Colonello a ver umas garrafas.

- Malandros! Os ratos roeram as rolhas das garrafas. Olha o gato Zorbas! – disse o gato Colonello.

- Desculpa interromper o teu trabalho, mas tenho um grande problema e preciso dos teus conselhos - miou o gato Zorbas.

- Estou às tuas ordens, amigo. Gato Secretário! Traz um pouco esparguete que nos deram de manhã para o *meu amigo* – ordenou o gato Colonello.

- Mas o senhor gato Colonello comeu-a toda...! Nem me deixou cheirá-la! - queixou-se o gato Secretário.

Zorbas agradeceu, mas não tinha fome. Contou a história da gaivota. O velho gato Colonello ouviu em silêncio, pensou um bocado e disse:

- É preciso ajudar essa pobre gaivota, para ela continuar a voar.

- Sim, mas como? – perguntou o gato Zorbas.

- O melhor é perguntar ao gato Sabetudo – disse o gato Secretário.

- Era o que eu ia sugerir.

- Sim. É uma boa ideia. Vou ter com o gato Sabetudo – miou o gato Zorbas.

-Vamos todos – disse o gato Colonello.

Os três gatos saíram da adega. Atravessaram os pátios das casas perto do porto e correram para a casa do gato Sabetudo.

6

O bazar do Harry

O gato Sabetudo vivia num bazar onde se podia encontrar de tudo. O dono era um velho marinheiro chamado Harry que colecionava objectos de todos os países que visitava

Para visitar o bazar era preciso pagar bilhete.

Harry tinha duas mascotes. Uma era um chimpanzé chamado Matias que jogava às damas com o velho marinheiro. A outra mascote era o gato Sabetudo, um gato cinzento, pequeno e magro, que adorava ler os livros que havia no bazar.

Os gatos Colonello, Secretário e Zorbas entraram no bazar de rabos muito empinados.

- Um momento, ó gatos! Têm de comprar bilhete – guinchou o chimpanzé Matias.

- Os gatos também pagam? – perguntou o gato Secretário.

- O aviso da porta diz: “Entrada: dois euros”. Ou pagam ou põem-se a mexer – ameaçou o chimpanzé Matias.

O gato Zorbas saltou para o outro lado da bilheteira e olhou para o chimpanzé olhos nos olhos. Pôs de fora uma garra e disse:

- Queres que eu te espete uma garra no teu rabo vermelho? – miou o gato Zorbas.

- Faço de conta que não vejo. Podem passar – disse o chimpanzé.

Os três gatos, de rabos levantados, entraram no bazar.

Um gato que sabe tudo

- Terrível! Terrível! Aconteceu uma coisa terrível - miou o gato Sabetudo quando os viu chegar.

- Que se passou? - perguntou o gato Secretário.

- Os malditos ratos comeram uma página inteira do livro. É terrível! – disse o gato Sabetudo puxando pelos bigodes.

- Gato Sabetudo, estamos aqui porque temos um grande problema e, como tu sabes tudo, talvez nos possas ajudar - miou o gato Zorbas. E contou-lhe a triste história da gaivota.

O gato Sabetudo escutou com atenção. Dizia que sim com a cabeça e abanava o rabo com os nervos.

- Terrível história! Terrível! Deixem-me pensar: gaivota... petróleo... petróleo... gaivota... gaivota doente... É isso. Temos de consultar a enciclopédia – disse o gato entusiasmado.

- A quê? - miaram os três gatos.

- A en-ci-clo-pé-di-a. O livro do saber. Temos de procurar nos volumes – disse o gato Sabetudo.

O gato Sabetudo trepou a um enorme móvel onde estavam uns livros muito grandes e tirou dois volumes. Depois desceu e, com a garra foi passando as páginas.

Os três gatos estavam calados a observar.

- Que interessante - disse o gato Sabetudo entusiasmado.

- A enciclopédia é para mim uma coisa muito importante. De cada vez que olho para estas páginas

aprendo qualquer coisa de novo – disse o gato Sabetudo.

Mas o que a enciclopédia dizia das gaivotas não lhes serviu de grande ajuda.

E o que encontraram sobre o petróleo também não os levou a saber como ajudar a gaivota.

- É terrível! Terrível! Foi a primeira vez que a enciclopédia falhou – disse o gato Sabetudo.

- E essa enciclopédia explica como tirar as nódoas de petróleo? - perguntou o gato Colonello.

- Boa ideia! Vamos procurar no volume de tira-nódoas – disse o gato Sabetudo muito contente.

Na página sobre a palavra tira-nódoas encontraram a solução para eliminar manchas de petróleo.

- «Limpa-se a superfície afectada com um pano humedecido em benzina.» Cá temos a solução! - miou o gato Sabetudo.

- Na cave do restaurante temos um boião com pincéis mergulhados em benzina. Já sabemos o que fazer - miou o gato Colonello.

- É muito simples: você molha convenientemente a cauda com benzina e depois vamos tratar da gaivota – disse o gato Colonello.

- Ah, não! Isso é que não! Nem pensar! Não molho a minha cauda com benzina – refilou o gato Secretário.

- Fígado com natas?... – miou o gato Secretário lambendo os bigodes

O gato Sabetudo decidiu acompanhá-los e os quatro gatos foram ter com a gaivota.

8

O gato Zorbas começa a cumprir o prometido

Os quatro gatos desceram do telhado para a varanda e perceberam logo que tinham chegado tarde. Os gatos Colonello, Sabetudo e Zorbas observaram com respeito o corpo sem vida da gaivota, enquanto o gato Secretário agitava o rabo ao vento para lhe tirar o cheiro a benzina.

- Acho que devemos juntar-lhe as asas. É o que se faz nestes casos – disse o gato Colonello.

Uniram-lhe as asas ao corpo e, ao mexer-lhe, descobriram o ovo branco com pintinhas azuis.

- O ovo! Chegou a pôr o ovo! – disse o gato Zorbas.

- Que vou eu fazer com o ovo? - perguntou o gato Zorbas cada vez mais aflito.

- Com um ovo podem fazer-se muitas coisas. Uma omeleta, por exemplo – disse o gato Secretário.

- O gato Zorbas prometeu a essa pobre gaivota que cuidaria do ovo e da gaivotinha. As promessas são para cumprir – afirmou o gato Colonello.

- Mas eu não sei tratar de um ovo! Nunca tive um ovo ao meu cuidado! - miou o gato Zorbas preocupado.

Então todos os gatos olharam para o gato Sabetudo. Talvez a sua famosa en-ci-clo-pé-di-a explique alguma coisa.

- Procuramos o volume sobre ovos. De certeza que está lá tudo o que temos de saber acerca do ovo. Para já aconselho calor, calor corporal, muito calor corporal – indicou o gato Sabetudo como se fosse professor.

- Deita-te junto do ovo, mas sem o partir - aconselhou o gato Secretário.

- Zorbas, ficas junto do ovo e nós vamos com o gato Sabetudo para vermos o que diz a sua enciclopédia. Voltamos à noite com novidades e enterramos a gaivota – disse o gato Colonello antes de saltar para o telhado.

Os gatos Sabetudo e Secretário foram também embora. O gato Zorbas ficou na varanda, com o ovo e a gaivota morta. Estenndeu-se com muito cuidado e puxou o ovo para junto da barriga. Sentia-se estranho.

Mas uma promessa é uma promessa. Deixou-se adormecer com o ovo branco com pintinhas azuis muito chegado a sua barriga preta.

9

Uma noite triste

Já de noite, os gatos Secretário, Sabetudo, Colonello e Zorbas cavaram um buraco ao pé do árvore. Puseram a gaivota na cova e cobriram-na de terra. Então, o gato Colonello disse num tom grave:

- Companheiros gatos, nesta noite de lua despedimo-nos dos restos de uma infeliz gaivota . Muito pouco soubemos dela. O Zorbas prometeu-lhe cuidar do ovo que ela pôs antes de morrer, da gaivotinha que vai nascer e, o mais difícil, prometeu ensiná-la a voar...

- ...promessas difíceis de cumprir - continuou, o gato Colonello -, mas sabemos que um gato cumpre sempre as suas promessas. Agora o gato Zorbas não

pode abandonar o ovo até a gaivotinha nascer. O gato Sabetudo vai consultar a enciclopédia.

Os quatro gatos começaram a miar ao pé do velho castanheiro.

Segunda parte

1

Um gato a chocar o ovo

O gato grande, preto e gordo passou muitos dias deitado junto do ovo, tomando conta dele com muito cuidado.

Só abandonava o ovo para ir comer e fazer cocó.às vezes, observava a bolinha branca com pintinhas azuis para ver se estava lá dentro o filho da gaivota. Aproximava uma orelha do ovo, e depois a outra, mas não conseguia ouvir nada. A casca branca com pintinhas azuis era grossa e não deixava ver nada.

Os outros gatos visitavam o gato Zorbas todas as noites para ver o ovo, mas o ovo continuava igual.

Chocar o ovo não era fácil para o gato grande, preto e gordo. Uma vez até apanhou um susto, quando o amigo da família encarregado de tratar dele decidiu aspirar a casa.

Não foi fácil fazer rolar o ovo para debaixo de uma cama, mas conseguiu-o, e ali esperou que o amigo da família acabasse a limpeza e se fosse embora.

Um dia, ao fim da tarde, o gato Zorbas que dormia acordou com umas cócegas na barriga. Acordou com um as cócegas na barriga. Abriu os olhos e deu um salto quando viu que, por um burquinho do ovo, aparecia e desaparecia uma pontinha amarela.

O gato Zorbas pegou no ovo com as patas da frente e viu a avezinha a dar bicadas até abrir um buraco por onde apareceu uma cabeça pequena e molhada.

- Mamã! - disse a gaivotinha.

O gato Zorbas não foi capaz de responder.

2

Não é fácil ser mamã

- Mamã! Mamã! - disse a gaivotinha, fora do ovo. A gaivotinha era branca como o leite e umas penas finas e curtas.

Tentou dar uns passos e caiu junto da barriga do gato Zorbas.

- Mamã! Tenho fome! – disse a gaivotinha.

Sabia que as gaivotas gostavam de peixe, mas aonde ia ele buscar um pedaço de peixe?

O gato Zorbas correu para a cozinha e regressou com uma maçã.

A gaivotinha endireitou-se nas suas patas cambaleantes e o biquinho amarelo tocou na casca. Como o biquinho era mole, ela não conseguiu comer.

- Tenho fome! – gritou a gaivotinha zangada -
Mamã! Tenho fome!

O biquinho da gaivotinha era muito mole e por isso não conseguiu comer nem batata nem bolachinhas. O gato Zorbas lembrou-se de que a gaivotinha era um pássaro, e que os pássaros comem insectos.

Saiu para a varanda e com muita paciência caçou uma mosca e entregou-a à gaivotinha.

A gaivotinha pegou na mosca com o bico, apertou-a e, fechando os olhos, engoliu-a.

- Rica comida! Quero mais, mamã, quero mais! – disse ela muito contente.

O gato Zorbas saltou de um lado para o outro da varanda. Apanhou cinco moscas e uma arranha.

A gaivotinha comeu as cinco moscas, mas não quis provar a arranha. Satisfeita, encostou-se à barriga do gato Zorbas e disse:

- Mamã, tenho sono.

- Tenho muita pena, mas eu não sou a tua mamã – miou o gato Zorbas.

- Claro que és a minha mamã. E és uma mamã muito boa - disse ela fechando os olhos.

Quando os outros gatos chegaram, encontraram a gaivotinha adormecida ao pé do gato Zorbas.

- Parabéns! É uma avezinha muito bonita. Quanto pesava ao nascer? - perguntou o gato Sabetudo.

- Sei lá... Eu não sou a mãe deste pássaro! - disse o gato Zorbas.

- Já lhe dei umas moscas e acho que vai querer comer outra vez – disse o gato Zorbas.

- Secretário, corra até restaurante e traga uma sardinha – mandou o gato Colonello.

- Mamã, quem são estes gatos? - perguntou a gaivotinha.

- Mamã! Chamou-te Mamã! Que giro! – disse o gato Sabetudo

- Bom, agora a gaivotinha já nasceu e já come – disse o gato Colonello.

- O mais difícil é ensinar a gaivotinha a voar – disse o gato Zorbas.

- Havemos de conseguir. Estou a consultar a enciclopédia, mas leva tempo – disse o gato Sabetudo.

- Mamã! Tenho fome! - interrompeu-os a gaivotinha.

3

Há perigo

As complicações começaram dois dias depois da gaivotinha nascer. O gato Zorbas teve de esconder a gaivotinha para que o amigo da família não descobrisse tudo. Escondeu-a debaixo de um vaso e sentou-se em cima dele.

O amigo, como sempre, limpou o caixote, mudou a areia e abriu uma lata de comida.

Mais tarde, o gato Zorbas estava a tapar o seu cocó quando ouviu a gaivotinha a gritar na varanda.

Dois gatos malvados estavam junto da gaivotinha e abanavam o rabo muito contentes. Como estavam de costas, não viram chegar o gato Zorbas.

- Esta gaivotinha dava um bom pequeno-almoço! É pequenina, mas parece saborosa – miou um dos gatos.

- Mamã! Socorro! – gritava a gaivotinha.

- Mamã! Queriam comer-me! – disse a gaivotinha.

Os dois gatos malvados fugiram a correr com dores.

- Tenho uma mamã muito valente - grasnou a gaivotinha.

O gato Zorbas compreendeu que a varanda não era um lugar seguro. Tinha de procurar um outro lugar.

- Vem, vamos dar um passeio - miou o gato Zorbas, e pegou-lhe cuidadosamente com os dentes.

4

O perigo das ratazanas

Os gatos reuniram-se no Bazar de Harry e decidiram que a avezinha não podia continuar na casa de Zorbas.

Todos concordaram. O gato Zorbas e a gaivotinha viveriam no bazar até ela aprender a voar.

- Era boa ideia dar um nome à gaivotinha – disse o gato Secretário.

- Era o que eu ia dizer – queixou-se o gato Colonello.

- Concordo. Deve ter um nome, mas antes é preciso saber se é menino ou menina – disse o gato Zorbas.

O gato Sabetudo tirou um livro da estante para descobrir qual o sexo da gaivotinha, mas não havia nada no livro.

- Quem nos pode ajudar é o gato Barlavento – disse o gato Secretário.

Enquanto os gatos miavam, a gaivotinha dava um passeio dentro do bazar. Havia muitas coisas que ela não conhecia. De repente, um animal de olhos vermelhos apareceu à frente dela.

- Mamã! Socorro! – gritou a gaivotinha muito aflita.

Quando o gato chegou junto dela, uma ratazana estendia as patas para o pescoço do passarito.

Ao ver o gato Zorbas, a ratazana teve medo e fugiu.

- Queria comer-me! - disse a gaivotinha e agarrou-se ao gato Zorbas.

- Não pensámos neste perigo. Acho que é preciso ir falar com o chefe das ratazanas – disse o gato Zorbas.

Zorbas aproximou-se do buraco onde estavam as ratazanas e entrou.

Estava muito escuro naquele buraco, mas o gato Zorbas viu o chefe das ratazanas.

- Quero que deixem em paz o passarito – gritou o gato Zorbas. Saltou sobre o chefe das ratazanas e prendeu-lhe a cabeça com as garras.

- Está bem, mas as ratazanas têm autorização para passar pelo pátio quando vão para o mercado.

- Passagem livre pelo pátio é o que queremos – disse a ratazana.

- Está bem. Podem passar pelo pátio, mas de noite – disse o gato Zorbas soltando-lhe a cabeça.

5

Menino ou menina

Alguns dias depois, os gatos encontraram o gato Barlavento. Só ele sabia se a gaivotinha era menino ou menina.

Contaram-lhe a história da gaivota e das promessas de Zorbas. O gato Barlavento ouviu com atenção.

Levaram-no até junto da gaivotinha, que estava a dormir satisfeita.

O gato Barlavento estendeu uma pata da frente, viu a cabeça da gaivotinha e levantou as penas que começavam a crescer no rabo.

É uma menina! – disse o gato Barlavento.

O gato Zorbas lambeu a cabeça da pequena gaivota.

- Proponho que lhe chamemos Ditosa – disse o gato Colonello

- É um lindo nome! – disse o gato Barlavento.

6

Chamaram-lhe Ditosa

A gaivota Ditosa cresceu depressa, com muito carinho dos gatos. Era uma gaivota bonita de penas cor de prata.

O gato Zorbas andava preocupado. Não sabia como ensinar a gaivotinha a voar.

- Para que serve saber voar?- perguntou a gaivotinha Ditosa com as asas muito coladas ao corpo.

- Todas as gaivotas voam – respondia o gato Sabetudo. – Tu também tens de saber.

- Mas eu não quero voar. Também não quero ser gaivota – disse a gaivota Ditosa – Quero ser gato, e os gatos não voam.

- Mas tu és um pássaro – disse o macaco que guardava o bazar do Harry.

- Estás enganado. Sou um gato – respondeu a gaivota Ditosa.

- Olha para o teu corpo: tens duas patas e os gatos têm quatro. Tens penas e os gatos têm pêlo.

Nessa tarde, quando os gatos chegaram, a gaivota contou ao gato Zorbas a conversa com o macaco Matias.

- Tu és uma gaivota. O macaco tem razão. Todos gostamos de ti, Ditosa. E gostamos de ti porque és uma gaivota, uma linda gaivota. Protegemos-te desde que saíste da casca. Demos-te todo o nosso carinho e não queremos que sejas um gato. Queremos-te gaivota. Sabemos que também gostas de nós, que somos teus

amigos, somos a tua família. És uma gaivota e tens de voar como as gaivotas.

- Tenho medo de voar – disse a gaivota Ditosa.

- Quando isso acontecer, eu estarei contigo – miou o gato Zorbas lambendo-lhe a cabeça. - Prometi isso à tua mãe.

A jovem gaivota e o gato grande, preto e gordo começaram a andar. Ele lambia-lhe a cabeça com ternura e ela cobriu-lhe as costas com uma das suas asas estendida.

7

Aprender a voar

Do alto de uma estante, os gatos Colonello, Secretário, Zorbas e Barlavento viam com atenção atentamente o que se passava em baixo.

O corredor era a pista de descolagem para a gaivotinha ditosa aprender a voar.

A gaivotinha Ditosa ia tentar o seu primeiro voo.

- Por favor, ensinem-me a voar! disse a gaivotinha

Os gatos ficaram contentes e com toda a paciência de gatos começaram a ajudar a gaivotinha.

- Pronta para a descolagem! – disse o gato Sabetudo.

- Sim, pronta para a descolagem! – respondeu a gaivotinha Ditosa.

Ditosa começou a avançar, mas devagar.

- Mais depressa! – disse o gato Sabetudo.

A gaivotinha avançou um pouco mais rápido e estendeu as asas. Levantou as penas do rabo. Bateu as asas e encolheu as patas. Voou um bocadinho, mas caiu logo.

Os gatos desceram da estante e foram ajudar. A gaivotinha Ditosa estava a chorar.

- Não consigo voar – disse ela muito triste.

- Tem calma. Vais conseguir. Prometo – miou o gato Zorbas e lambeu a cabeça da gaivotinha.

Os gatos decidem falar

A gaivotinha Ditosa tentou levantar voo muitas vezes, mas caiu sempre. Só conseguiu voar um bocadinho.

O gato Sabetudo tentava ajudar, mas a gaivotinha não conseguia voar.

- É terrível! Terrível! - disse o gato Sabetudo, preocupado.

A gaivotinha ficava cada vez mais triste.

- Ela é uma gaivota e as gaivotas voam! - disse o gato Barlavento.

- Tem de voar. Prometi à mãe e a ela. Tem de voar – disse o gato Zorbas.

- Nós, os gatos, não somos capazes de a ensinar a voar e temos de procurar ajuda – disse o gato Zorbas.

- Que queres dizer com isso? - perguntou o gato Colonello.

- Nós, gatos do porto, decidimos que podes pedir ajuda às pessoas. – disse o gato Colonello.

9

Falar com o poeta

Não foi fácil decidir com quem o gato Zorbas iria falar. Os gatos fizeram uma lista de todas as pessoas que conheciam:

- O René, o chefe de cozinha, é justo e bondoso – disse o gato Colonello.

- O Harry, dono do bazar, é amável como toda a gente - disse o gato Sabetudo.

- O Carlo, o chefe dos empregados do restaurante, é também boa pessoa - disse o gato Secretário.

- O meu capitão do navio é muito valente – disse o gato Barlavento.

- O garoto lá da minha casa, o meu dono, está de férias – disse o gato Zorbas.

- Não há mais ninguém – disse o gato Colonello, zangado.

- Falta o dono da gata Bubulina – disse o gato Zorbas.

Bubulina era uma bonita gata branca e preta que passava muito tempo entre os vasos de flores de um terraço.

É uma pessoa esquisita: às vezes, ria depois de ler o que acabava de escrever, e outras vezes amachucava as folhas sem as ler. Está sempre a ouvir música que faz adormecer a gata Bubulina.

- O dono da gata Bubulina escreve palavras belas – disse o gato Zorbas.

- Um poeta! O que o dono da Bubulina escreve chama-se poesia – disse o gato Sabetudo.

10

Uma gata, um gato e um poeta

O gato Zorbas foi pelos telhados até chegar ao terraço do dono da gata Bubulina. A gata dormia entre os vasos.

- Bubulina, não te assustes. Estou aqui em cima – disse o gato Zorbas.

- Que queres? Quem és tu? - perguntou a gata.

- Sou eu, o gato Zorbas, e vivo aqui perto. Preciso da tua ajuda. Posso descer? – perguntou o gato.

A gata disse que sim. Zorbas saltou para o terraço e sentou-se.

No terraço ouvia-se música.

- Que bonita música – disse o gato Zorbas.

- Sim, é bonita. Que queres tu de mim? – perguntou a gata Bubulina.

- Quero que me apresentes ao teu dono - respondeu o gato Zorbas.

- Impossível. Está a trabalhar e ninguém o pode interromper - respondeu a gata.

- Por favor, é uma coisa muito urgente – pediu o gato Zorbas.

- Tenho de falar com ele – repetiu o gato Zorbas.

Lá dentro o dono escrevia na sua máquina de escrever. Ouviu miar e foi ao terraço ver o que se passava.

Os dois gatos miavam e parecia que estavam a falar. O poeta nem queria acreditar, mas percebia o que os gatos diziam.

_ Tu falas? – perguntou o poeta.

- Também tu falas –respondeu o gato Zorbas.

- Um gato que fala. Se calhar, estou a sonhar – disse o poeta e sentou-se no sofá.

- Não, sou um gato de verdade e estou a falar contigo. – disse o gato Zorbas.

- Que queres, gato? – perguntou o poeta.

Zorbas contou a história da gaivota, do ovo, da gaivotinha que não conseguia voar.

- Podes ajudar-nos? – perguntou o gato Zorbas.

- Acho que sim. Pode ser esta noite. Há nuvens negras no céu. Vai chover e vem lá muito vento – disse o poeta.

Combinaram encontrar-se à meia-noite no bazar do Harry e o gato grande, preto e gordo foi avisar os outros gatos e a gaivotinha.

Voar

Era de noite e chovia muito na cidade de Hamburgo. O poeta, embrulhado numa gabardina, foi até ao bazar do Harry.

Dentro do bazar, os gatos e a gaivotinha esperavam pelo poeta que ia ensinar a gaivotinha a voar.

- Está um homem lá fora – disse o gato Secretário a espreitar por uma janela.

-É o poeta! Vamos embora! – disse o gato Zorbas e correu depressa para a janela.

O poeta aproximou-se e pegou na gaivotinha.

- Pega nela com cuidado – disse o gato Zorbas.

- Venham cá os dois – disse o poeta e meteu a gaiotinha e o gato debaixo da gabardina para os proteger da chuva.

- Vamos ver a nossa gaiotinha Ditosa a voar! – disse o gato Barlavento.

O gato grande, preto e gordo e a gaiota iam quentinhos debaixo da gabardina do poeta.

- Chegámos – disse o poeta.

O gato Zorbas pôs a cabeça de fora para espreitar. Estavam à frente da torre de São Miguel.

- As portas estão fechadas – disse o gato Zorbas.

- Nem todas – disse o poeta – Conheço uma entrada que costuma estar aberta.

Deram uma volta e entraram por uma pequena porta que o poeta abriu. Tirou uma lanterna de um bolso e começaram a subir uma grande escada.

- Tenho medo – disse a gaivotinha Ditosa.

- Mas queres voar, não queres? – perguntou o gato Zorbas.

Do alto da torre via-se toda a cidade. Continuava a chover.

- Tenho medo! Mamã! – disse a gaivotinha Ditosa.

O poeta pôs a gaivotinha Ditosa em cima das mãos.

- Não! Tenho medo! – gritou ela, picando as mãos do poeta.

- Vais voar, gaivotinha. Respira. Sente a chuva. É água. Abre as asas – disse o gato Zorbas.

A gaivotinha estendeu as asas. A chuva salpicava-lhe as penas. O poeta e o gato viram a gaivotinha levantar a cabeça de olhos fechados.

- A chuva, a água. Gosto! – disse a gaivotinha.

- Vais voar – disse o gato Zorbas.

- Gosto de ti. És um gato muito bom – disse a gaivotinha.

- Vais voar. Todo o céu será teu – disse o gato Zorbas.

- Nunca te esquecerei. Nem aos outros gatos – disse a gaivotinha.

- Voa! – disse o gato Zorbas estendendo uma pata e tocando na gaivotinha ao de leve.

A gaivotinha Ditosa desapareceu, e o poeta e o gato ficaram com medo. Olharam para baixo, viram a gaivotinha a bater as asas e a voar bem alto.

A gaivotinha Ditosa voava sobre a cidade.

- Estou a voar! Sei voar! – gritava a gaivotinha muito contente.

O poeta fez uma festa ao gato Zorbas.

- Bem, gato, conseguimos. Espero-te lá em baixo –
disse o poeta para o gato e foi-se embora.

O gato Zorbas ficou ali a olhar a gaivotinha.

O gato grande, preto e gordo era um gato bom e
estava feliz por ajudar a gaivotinha.

Laufenburg, Floresta Negra. 1996